



Crônica da Cidade

SEVERINO FRANCISCO | severinofrancisco.dfg@dabr.com.br

Manoel e Rosa

No final da década de 1990, soube que o poeta Manoel de Barros estava em Brasília, numa exposição no Congresso Nacional. Peguei um gravador e fui lá para entrevistá-lo. Ele me recebeu de maneira muito cordial, com os olhos faiscantes de menino que aprontou alguma. No entanto, negou a entrevista ao vivo, de maneira delicadamente firme: “Entrevista, só por escrito. E aviso que a resposta pode demorar”.

Seis meses depois, quando havia me

esquecido do encontro, recebo uma carta dos Correios com a letra desenhada de Manoel de Barros e as respostas à entrevista. Ao ler as respostas, compreendi, imediatamente, o sentido do que parecia ser mero capricho. Manoel insistiu em conversar por escrito porque queria transformar a entrevista em um acontecimento poético: “Só as coisas pequenas me interessam”, escreveu em uma resposta e, logo em seguida, o trecho apareceu em um dos poemas publicados em livro.

Manoel teve um memorável encontro com Guimarães Rosa no Pantanal, evocado na revista *Bric a Brac*, editada por Luis Turiba e João Borges (sim, aquele mesmo comentarista de economia da *GloboNews*). Manoel é uma

espécie de Guimarães Rosa lúdico da poesia; e Rosa é uma espécie de Manoel de Barros trágico da prosa. Os dois gênios têm muitas afinidades.

Em um filme de Júlio Bressane, Oswald de Andrade faz uma declaração de total identidade ao se deparar com Lamartine Babo. Pois bem, Rosa também poderia dizer a Manoel quando o encontrou no Pantanal: “Manoel, você sou eu”.

De maneira similar ao que ocorreu com a minha entrevista, o pantaneiro transformou a conversa com Rosa em um acontecimento poético. “Havia o caramujo perto de uma árvore. Rosa disse: ‘Habemos lesma, Manoel!’ Eu disse: ‘Caramujo é que ajuda árvore crescer’. Ele riu. Relvas cresciam nas

palavras e na terra. Rosa escutava as coisas. Escutava o luar”.

Em seguida, Rosa teria perguntado: “E como é o homem aqui, Manoel?” E Manoel replicou nervoso: “O homem se completa com os bichos – eu disse – com os seus marandovás e com as suas águas. Esse ermo cria motucas. Aqui é brejo, boi e cerrado. E anta que assobia sem barba e sem banheiro”. Rosa quis saber também o nome de árvores: “Aquí sabemos é por instinto e por apalpos. Não é como o senhor faz com as palavras”.

Mas no livro *Retrato do artista enquanto coisa*, Manoel transformou o diálogo imaginário em verso de poesia: “Levei Rosa na beira dos pássaros que fica no meio da Ilha Linguística./Rosa gostava muito de frases

em que entrassem pássaros./E fez uma na hora:/A tarde está verde no olho das garças./E completou com Job:/Sabedoria se tira das coisas que não existem./A tarde no olho das garças não existia/mas era a fonte do ser. Era poesia./Era o néctar do ser”.

Adiante, Manoel prossegue em narrativa fragmentada: “Rosa gostava muito do corpo fônico das palavras./Veja a palavra bunda, Manoel/Ela tem um bonito corpo fônico além do próprio nome./Apresentei-lhe a palavra gravanha./Por instinto linguístico achou que gravanha/seria um lugar enraçado de espinhos e bem/empenhado de filhos de gravatá por baixo. /E era.” Manoel escreveu que, se não fosse a poesia, todos nós seríamos robôs. E seríamos.

DIA DOS NAMORADOS

O casal de viúvos Lincoln Dimatteu e Carmen de Oliveira reconstrói a vida em Brasília a partir de um pedido de casamento inusitado impresso em uma página do **Correio**. Hoje, celebram dois anos de união e festejam projetos em comum

» LETÍCIA MOUHAMAD

“Case-se comigo numa noite de luar.” Essa foi a frase escrita nos classificados do **Correio Braziliense** que mudou a vida de Lincoln Dimatteu, 43 anos, e Carmen de Oliveira, 59, há dois anos. O trecho, retirado de uma música de Isabella Tavianni, estampou a página do jornal quando o bombeiro civil decidiu que era a hora de dar um passo a mais no relacionamento, iniciado em 2023.

O pedido de casamento inusitado se assemelha às surpresas que os uniram, após ambos vivenciarem o luto de perder a então esposa e o então marido para a covid-19. O amor de Lincoln e Carmen os salvou da solidão, como gosta de reforçar a gestora de marketing.

“Eu queria algo que fosse marcante e ficasse registrado, sabe? Para, no futuro, nossos familiares conhecerem nossa história. Vou mostrar e dizer ‘Olha, foi assim que tudo começou’”, explica Lincoln. Resolvidos os preparativos para a publicação do “anúncio”, foi a vez de se aliar ao garçom de um restaurante da Asa Sul para que o momento saísse como planejado.

“Convidei-a para jantar e, quando chegamos, lá estava o jornal sobre a mesa. Fingi estranhamento, mas quando comentei que olharia os classificados, o garçom entendeu o sinal e foi buscar o buquê de flores e o petit gâteau, onde também estava escrito o pedido. Disse a ela ‘Olha que curioso esse anúncio’”, descreve. Quando Carmen leu, ele se ajoelhou e, ali, foi firmada a união. A noite, como diz a declaração, era de luar.

A surpresa arrancou lágrimas e deixou Carmen estática por alguns segundos diante da dedicação do companheiro. “Eu já sabia que seria pedida em casamento, mas não imaginava como. Sou muito romântica e preciso desse carinho para conseguir entregar meu coração”, confessa. Para ela, aquele gesto confirmou a solidez de um recomeço que os dois, pouco tempo antes, sequer julgavam possível.

A decisão de morar juntos veio na mesma velocidade em que a cumplicidade se estabeleceu no cotidiano. Sem a necessidade de formalidades burocráticas, os dois entenderam que o verdadeiro compromisso já havia sido firmado entre a mesa do restaurante e as linhas impressas do classificado.

“Na verdade, nós não nos casamos legalmente. O pedido de casamento ali naquele momento foi a nossa união, e a partir daquela data passamos a dividir o mesmo teto”, relata o bombeiro civil, que encontrou na maturidade e no pragmatismo de Carmen o porto seguro que procurava para esquecer os anos de solidão.

O encontro

Antes de cruzarem os olhares no Condomínio RK, em Sobradinho, o cenário era de reconstrução. Lincoln enfrentava uma depressão severa após a perda repentina da esposa, com quem partilhava duas décadas de vida. “Fiquei muito mal, era uma rotina triste e vazia, com medo do futuro e desconfiado do mundo”, relembra o bombeiro civil. O empurrão para a mudança veio por meio de um desafio de sua terapeuta para buscar novas conexões e investir na vontade antiga de aprender a dançar.

Uma coincidência com um velho amigo durante o passeio com o cachorro acabou por levá-lo até a aula inaugural gratuita de dança de salão dentro do próprio condomínio. Ali, o destino havia reservado o espaço de Carmen, que também frequentava as aulas de forró, dança do ventre e cigana como um refúgio para amenizar a dor da viuvez e a perda precoce de um filho de 21 anos.

“Eu estava me recuperando de um processo de luto longo, com bastante receio de me relacionar. A gente passa a vida casada e, de repente, o mundo parece diferente demais”, pontua Carmen. A diferença de idade de 16 anos também acendeu um alerta inicial na gestora, mas a convivência no grupo

Ed Alves/CB/D.A Press



AMOR IMPRESSO NOS CLASSIFICADOS



Exemplar do jornal sobre a mesa na noite do pedido de casamento

de dança dissolveu as barreiras ao longo de dois meses de passos ensaiados.

Lincoln recorda, entre sorrisos, a conexão dos primeiros contatos no salão de dança. “Achei ela cheirosa, bonita, gentil e de um olhar muito terno. Fui me encantando pelo perfume, pelo jeito dela. Me

apaixonei.” A iniciativa de mudar o rumo das coisas partiu dele, após uma apresentação de dança de Carmen.

Ao caminharem até o estacionamento, o bombeiro civil disparou a frase que selaria o destino do casal. “Vamos ‘bagunçar’ logo essa amizade.” O beijo roubado deu



Casal no Lago Paranoá (acima) e no dia em que resolveram se casar

início a um namoro de pouco mais de um ano antes do pedido no restaurante.

Encantamentos

A sintonia entre os dois se estendeu para além dos palcos e das salas de aula. A celebração após o pedido de casamento continuou na chegada ao lar, ornamentado pelo sobrinho de Lincoln com pétalas de rosas e velas em formato de coração. “Ali foi a nossa união definitiva”, resume o bombeiro, que se derrete ao falar da resiliência da esposa. “Ela é uma menina no corpo de uma mulher que já viveu muito. Tem um brilho e um alto-astrol espetaculares.”

Do outro lado, o sentimento de segurança mútua é uma máxima dentro do relacionamento. Para Carmen, o respeito e o caráter do companheiro foram pilares para a renovação de sua afetividade. “O amor constrói muitas coisas, basta estar com o coração aberto. Fui sentindo confiança ao ver como ele tratava as pessoas, sempre muito educado e solícito.”

Hoje, a rotina do casal envolve caminhadas no Parque Olhos d’Água, passeios de caiaque pelo Lago Paranoá, sessões de cinema e trilhas sonoras das décadas de 1960 a 1980, como *Slave to love*, de Bryan Ferri. Sempre que possível, eles estacionam o carro em um ponto alto do condomínio para tomar açaí de mãos dadas enquanto observam as estrelas e o movimento de Brasília.

A necessidade de partilha, aliás, reflete-se até nos compromissos mais banais da rotina fora dos fins de semana, como as idas ao supermercado ou as consultas médicas, nas quais fazem questão de estarem sempre lado a lado. Para o futuro próximo, a meta é desacelerar o ritmo profissional para colocar o pé na estrada com maior frequência e

explorar novos destinos turísticos. “A gente gosta de fazer tudo junto. Se um vai ao médico o outro acompanha, se vai comprar um pão vamos os dois. O nosso plano para os próximos anos é ter mais tempo livre para viajar bastante e conhecer o mundo, aproveitando cada minuto que temos”, projeta Carmen.



A gente gosta de fazer tudo junto. O nosso plano para os próximos anos é ter mais tempo livre para aproveitar cada minuto”

Carmen de Oliveira,
gestora de marketing